

Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849-1888)

Heloisa Souza Ferreira
Mestranda em História /UFES
heloisasfs@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os anúncios de escravos, relativos à venda, fuga e aluguel, contidos nos periódicos capixabas do século XIX. Por meio desses anúncios percebemos aspectos corriqueiros da vida social capixaba, por exemplo, a utilização dos jornais como forma de intimidar infratores da lei. Esse recurso foi muito utilizado nos anúncios de fuga, quando os senhores desconfiavam que a fuga do seu cativo estava associada à iniciativa de terceiros. Através dos anúncios de fuga também visualizamos as diversas motivações relacionadas a esse ato, e também podemos perceber como as relações entre senhores e escravos foram pautadas por uma espécie de código moral, de uma noção do que era “justo” dentro da rígida hierarquia social a que estiveram submetidos. Nesse sentido, ao comunicar uma fuga muitas vezes o senhor tinha uma noção do motivo da “escapada”. Os anúncios de venda e aluguel, apesar do caráter comercial, nos mostram que nem sempre as transações de cativos foram medidas arbitrarias que levavam em conta apenas os desejos da elite senhorial.

Palavras – chave: Anúncios de escravos; acoitamento; intimidação verbal.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the advertisements of slaves for sale, rental and flight contained in the journals capixabas nineteenth century, through those ads we see everyday aspects of social life in Espírito Santo, for example, the use of newspapers as a way to deter offenders the law. This feature has been widely used in the ads run, when you suspected that the escape of his captive was associated with the initiative of others. Through ads leakage also visualize the different motivations related to that act, and we can also see how the relationships between masters and slaves were guided by a kind of moral code, a notion of what was "fair" within the rigid social hierarchy they were submitted. In this sense, to report a leak many times did you have an idea of why the "escape". Ads for sale and rent, despite the commercial character, shows us that not always the transactions captives were arbitrary measures that took into account only the wishes of the noble elite.

Key – Words: Announcements slaves; outlet; verbal bullying.

Introdução

Os jornais brasileiros do século XIX são fontes preciosas para se investigar a sociedade daquele período, pois através de seus registros é possível perceber o cotidiano, as principais discussões da época (tanto no campo político como no social), as atividades comerciais, as noções de comportamento e moralidade. Naquele momento, o escravo é presença constante nas páginas dos periódicos, seja na forma de contos, de crônicas, de noticiários e até mesmo de anúncios. A exemplo da obra de Gilberto Freyre¹, intitulada *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, na qual o autor se dedica a reconstruir o perfil do escravo brasileiro sob uma perspectiva antropológica, utilizando-se apenas dos anúncios de escravos contidos nos jornais, busca-se neste trabalho investigar o cotidiano do universo escravocrata capixaba oitocentista.

O contato com a obra de Freyre despertou-nos o interesse em realizar um estudo com o mesmo tipo de fonte utilizada por ele. Por isso, propomos um estudo acerca dos anúncios de escravos nos periódicos capixabas, no qual utilizaremos quatro jornais: *Correio da Victoria* (1849-1872), *Jornal da Vitoria* (1864-1869), *O Constitucional* (1885-1889) e

o Espírito Santense (1870-1899). Nesses anúncios encontramos um breve relato de senhores de escravos que buscavam noticiar fugas, aluguel, compra ou venda de seus cativos; ademais, cada anúncio possui sua particularidade, dos mais ricos em detalhes aos mais simplórios, todos guardam consigo vestígios do cotidiano na província durante o século XIX. O recorte cronológico proposto (1849 -1888) indica um período de mudanças significativas na província do Espírito Santo, tendo em vista que na segunda metade do século XIX começou a se desenvolver nestas terras uma vigorosa economia cafeeira, fato que colaborou para o aumento de braços cativos na província. Além disso, é importante salientar que nos idos de 1850, quando a Província necessitou e utilizou um maior número de cativos, foi promulgada a *Lei Eusébio de Queiroz* que proibia o tráfico internacional de escravos. Dessa forma, vender ou perder um cativo naquele momento de dificuldade de obtenção da mão-de-obra escrava assume um novo significado, talvez refletido nos anúncios em questão.

Ao todo, foram transcritos dos quatro jornais mencionados 541 anúncios, dos quais 156 se repetem, restando 88 anúncios de fuga no jornal *Correio da Victoria* comunicando a fuga de 102

¹FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1963.

escravos; 122 anúncios de fuga no *O Espírito Santense* comunicando a fuga de 142 escravos; 20 anúncios de fuga no *Jornal da Victoria* comunicando a fuga de 23 cativos e 6 anúncios de fuga no jornal *O Constitucional*. Referente a alugueis, compras e vendas de escravos encontramos 23 anúncios no *Jornal da Vitoria*, 26 anúncios no *O Espírito Santense*, 98 anúncios no *Correio da Victoria* e dois anúncios no *O Constitucional*.

O que nos revelam os anúncios de fuga?

Pelo que percebemos não havia um padrão estabelecido de linguagem para quem quisesse colocar um anúncio no jornal, por isso cada senhor noticiava da forma que lhe conviesse. Podemos dizer que esses anúncios apresentam duas “faces”: uma *objetiva*, sucinta, que apresenta o escravo e se assemelha aos recursos mercantis contemporâneo; e outra *implícita*, que para compreendê-la é necessária uma análise acompanhada de uma literatura especializada sobre a escravidão para compreender nas entrelinhas desses fragmentos e “dar voz” às concepções implícitas desses atores do escravismo brasileiro.

Os anúncios de fuga são muito importantes como fonte primária, pois oferecerem uma descrição pormenorizada dos cativos (hábitos, vícios, características físicas, doenças...), além de apresentar uma aproximação da realidade da elite senhorial.² Além disso, também são importantes por uma questão quantitativa: eles aparecem em maior quantidade em comparação com os anúncios de aluguel e venda de escravos nos jornais pesquisados, ademais, como nos afirma Leila Algranti:

Ao mesmo tempo que comunicavam um fato, esses anúncios também nomeavam um problema de diferentes maneiras: reclamava-se pelo objeto que se evadiu, discutia-se com os abolicionistas, lamentava-se de forma passional pelo serviço que abandonara o serviço, discutia sobre o problema da mão de obra, ou até mesmo temia-se por uma possível perda de status.³

A constante presença dos anúncios de fuga nos jornais da época nos permite supor que a fuga era uma prática constante na Província. *A priori* os anúncios de fuga foram recursos utilizados pelos donos de escravos com o objetivo de encontrar um cativo fugido. Esses anúncios possuíam uma composição simples, na qual havia uma descrição física e muitas vezes comportamental do escravo, e geralmente ofereciam uma gratificação a quem encontrasse o “fujão”. No entanto, no decorrer da análise desses anúncios, percebemos que além das informações sobre o evadido, vários anúncios revelavam um tom ameaçador contra quem o tivesse acoitado, sendo que este poderia aparecer

nos anúncios como couteiro, sedutor ou acobertador.

O tom ameaçador que aparece nos anúncios de fuga nos remete a um problema de possibilidade investigativa: a quem foi destinado esses anúncios? Somente às pessoas que se dedicavam à captura desses escravos? Ou havia outro objetivo por detrás desses anúncios? O tom intimidador nos faz vislumbrar a possibilidade dos mesmos também serem, de forma implícita ou não, uma forma de comunicação dos senhores com outros senhores e também com a sociedade que poderia acotá-los ou apadrinhá-los, tendo em vista que era comum o escravo recorrer a um padrinho para levá-lo de volta para seu senhor, já que o padrinho era visto como um protetor do escravo. Podemos ver um exemplo de um anúncio de fuga logo abaixo, onde o senhor intimida o provável acobertador:

No dia 7 de julho do ano corrente fugiu da casa do senhor Manoel Jose de Araújo Machado, do Cachoeiro de Itapemirim, um escravo de nome Feliciano, de nação, com 40 anos pouco mais ou menos, alto e com falta de alguns dentes; cujo escravo é propriedade do debaixo assinado, que o houve do senhor Coronel João Nepomuceno Gomes Bittencourt, em pagamento de dívida com outros mais escravos, que foram deixados em poder daquele senhor Machado para dos mesmos dispor da conta e ordem do anunciante. O referido escravo foi da fazenda do arabó em Piúma, para onde costumava fugir, sendo ali capturado por diversas vezes em tempo que pertencia ao Sr coronel João Gomes. **E suspeitando que alguém o agasalhe para que não volte mais ao seu poder, protesta-se proceder com todo o rigor da lei contra qualquer pessoa que por ventura o acoitar, por ser isso verdadeiro furto da propriedade alheia:** e a quem o pegar ou der notícia certa para que ele seja apreendido, será no primeiro caso gratificado com a quantia de 200 \$ réis, e no segundo conforme a natureza da notícia, e as dificuldades para a sua apreensão: podendo-se para esse fim dirigir em Itapemirim ao sobredito S. João da Barra ao Sr. Manoel Pinto Costa, e nesta cidade ao anunciante⁴ (grifos nossos).

A menção a um possível *sedutor* está na maioria dos anúncios pesquisados, o que sugere que na maioria das vezes o senhor não atribuía o ato de fugir como vontade do cativo, mas como consequência da ação de couteiros. Isso nos faz concluir que, provavelmente, esta insistência que surge nos anúncios em atribuir a fuga a possíveis *acobertadores* estivesse relacionada com a experiência que esses senhores tinham em relação a fugas anteriores, além do fato de que muitos evadidos podem ter sido encontrados sob o poder de outros senhores ou de setores da população de homens livres.

Desse modo, entendemos que os anúncios supostamente representavam uma expectativa que

²Os anúncios de negros fugidos podem ser utilizados com confiança para uma análise antropológica e médica, uma vez que eles têm forte honestidade, pois quem perdia o seu escravo queria encontrá-lo e para isso precisava de traços e sinais exatos. FREYRE, Gilberto. *Os escravos nos anúncios de jornal do século XIX*, p.84.

³ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988. p.147.

⁴APÉES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – vinte e dois de outubro de 1859.

esses senhores tinham em obter seu escravo de volta. O retorno do evadido não foi algo raro; muitas vezes as expectativas dos donos foram acompanhadas de êxito, e isso dependia do motivo da fuga: “Existiram escravos que tinham a fama de serem fujões, que desapareciam com frequência, mas sempre retornavam apadrinhados ou apreendidos.”⁵ Nesse sentido, o tom ameaçador destinado a um possível *acobertador* associado às experiências e expectativas que cada senhor possuía sobre a evasão, nos faz pensar que realmente esses anúncios eram uma intercomunicação entre senhores de escravos e os couteiros, tendo em vista o hábito adquirido nessa província de utilizar o jornal como meio de intimidação.⁶ Neste caso, os donos de escravos utilizavam o jornal como uma forma de coerção, sempre lembrando os rigores e as punições da lei aos couteiros, ou seja, era costume dos capixabas do oitocentos utilizarem outras alternativas antes de recorrerem ao poder judiciário, pois como afirma Bastos:

A publicação de cartas particulares nos jornais visava também a condenação pública do comportamento de determinadas pessoas. Não era incomum encontrarem-se anúncios cuja matéria relacionava-se ao modo como as autoridades policiais e judiciais executavam suas atribuições. Na vigência do costume, a reprovação de um comportamento contrário ao estabelecido pelo código moral da sociedade ocorre a partir de meios de coerção individuais e não por um quadro de pessoas especialmente encarregadas dessa função, como a Polícia ou a justiça.⁷

Por exemplo, no anúncio abaixo, o senhor não demonstrou desconfiança do paradeiro da escrava e afirmou que alguém a utilizava para o seu proveito; ao que tudo indica, provavelmente ele sabia ou ao menos desconfiava quem era a pessoa, pois ameaçou que, caso não ocorresse devolução, o *acobertador* seria acusado de crime previsto pelo código penal.

Desapareceu da casa do abaixo assinado, na noite de sábado de Aleluia a crioula menor de nome Maria, pela qual está responsável no juiz de órfãos onde a contratou. **A pessoa que a tem ora em seu poder trate de restituí-la ao abaixo assinado quanto antes, e não o fazendo, será acusado pelo crime previsto no artigo 227 do código penal.**⁸ (grifos nossos).

De acordo com os anúncios o acatamento foi bastante freqüente na Província, tanto que, em alguns anúncios o conteúdo soa até desnecessário, já que, o anunciante afirma o suposto paradeiro do escravo, inclusive indicando os possíveis *acobertadores* que estariam se utilizando dos seus serviços; logo, seria mais útil ir à busca do cativo. No entanto, como já foi mencionado, parece que os senhores de

escravos optavam por meios alternativos de coerção, como por exemplo, publicar o nome dos possíveis sedutores no jornal, como no anúncio abaixo:

Tendo fugido no dia 18 de abril ultimo o meu escravo de nome José, de 32 anos de idade mais ou menos, que pertenceu ao Sr. Antonio Alvarenga, pelo presente anuncio declaro que gratifico com a quantia de 200U000 a pessoa que o capturar e trouxer à minha presença. Esse escravo tem sido visto na fazenda do mesmo senhor Alvarenga em Santa Maria, e passeia até a de Jacuhy pertencente ao Sr. Pinna; os sinais são os seguintes: pardo, acabocelado, nariz afilado, cabelos pretos e corridos, pouca barba, baixo, grosso de corpo, falta de alguns dentes na frente e fala descansada. Victoria 17 de maio de 1884. Antonio Ignácio Rodrigues.⁹

Os escravos encontraram soluções bem criativas para manterem-se fugidos, e isso foi possível por que encontraram pessoas que os auxiliaram nesse empreendimento, desde parentes, escravos alforriados até senhores que *acobertaram* esses furtivos, utilizando-se de seus serviços, etc. Para manterem-se na ilegalidade pós fuga, uma rede de sociabilidades era “ativada”. O anúncio abaixo denuncia essa prática. O fato de eles utilizarem cartas se intitulando forros indica que, pelo menos em alguns casos, alguém os auxiliava nesse sentido.

A D. Rita Francisca de Paula, viúva do finado Bernadino de Sales Mouta Furtado, fugiu o seu escravo de nome Pedro, bem conhecido nesta cidade. Protesta-se contra quem lhe der coito ou passagem para qualquer parte. Ninguém deve se fiar dele, para lhe emprestar dinheiro ou lhe fazer cartas em nome de sua senhora. Onde, pois, ele chegar com uma carta será esta falsa, pelo que devem logo dar-lhe 25 chicotadas e o apreender. Consta que ele embarcou –se na canoa de passagem com uma carta, que alguém, sem dúvida, fizera à seu pedido. Quem o trouxer a sua senhora será gratificado.¹⁰

Nos anúncios o senhor noticia seu escravo da forma como ele o enxerga. No anúncio abaixo, percebemos que José Martins da Silva Paixão vê a sua escrava fugida como uma pessoa esperta, que foge e não consegue ser reconhecida pelo artifício que ela usa afim de não ser encontrada, utiliza-se de uma roupa masculina. Além disso, o senhor ainda ressalta suas qualidades físicas, como “pés bem feitos”.

Fugiu ao abaixo assinado no dia do corrente uma escrava de nome Julia de idade 21 anos, cujos sinais são os seguintes: Cabra, esbelta de corpo, estatura regular, falta dos dentes superiores na frente o beijo correspondente um pouco retorcido, pés bem feitos, levou no corpo saia de chita em bom uso, e argolinha de ouro nas orelhas, alguma outra saia e paletó de igual cor. Consta que

⁵LARA, Sílvia Hunold. *Campos da violência: Escravos e Senhores na Capitania do Rio de Janeiro. 1750 - 1808*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988, p. 238.

⁶A idéia de que os anúncios assumem uma dimensão coercitiva, foi desenvolvida na monografia, na qual me baseei na análise de Enaile Carvalho e Fabíola Bastos que utilizaram o jornal correio da Victoria, como fonte de investigação sobre a sociabilidade capixaba, e verificaram que as correspondências particulares caracterizavam-se pelo anonimato, e por direcionar ameaças implícitas a autoridades e particulares, sobretudo no que dizia respeito a dívidas contraídas com comerciantes da Província. De acordo com as autoras, o simples fato de ameaçar publicar o nome dos devedores no jornal, já surtia efeito tendo em vista que nas fontes pesquisadas por elas não há ocorrência da publicação do nome dos devedores, o que demonstra que essa prática poderia ser bastante eficaz. BASTOS, Fabíola M. e CARVALHO, Enaile F. *Negócios, Fortunas e Sociabilidades: inventários post-mortem e imprensa capixaba nos anos 1800-1860*. Revista *Agora*, Vitória, n.º 05, 2007, p. 1-16.

⁷BASTOS, Fabíola Martins. *Relações sociais, conflitos e espaços de sociabilidade: formas de convívio no município de Vitória, 1850-1871*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, UFES, Vitória, 2009, p.22.

⁸APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – dezesseis de abril de 1857.

⁹APEES – Série Jornais – O ESPIRITO SANTENSE – dezoito de maio de 1884.

¹⁰APEES – Série Jornais – JORNAL DA VICTORIA, vinte e dois de janeiro de 1868.

levou uma calça e camisa de homem (calça de riscado xadrez, e camisa de chita) já foi encontrada e por causa da roupa não foi conhecida. Pertenceu outrora ao senhorio de Manoel Pereira de Alvarenga Rangel, no Riacho. Da-se generosa gratificação a quem a prender e levar ao Sr. José Marcelino de Vasconcellos, na Serra ao Sr. Francisco Antonio Ribeiro, em Linhares ao capitão Anselmo de Almeida Calmoa, em São Mateus ao Sr José Affonso Martins, e na barra de São Mateus ao Sr. Manoel Rodrigues dos Santos. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a acoitar.¹¹

Ao contrário de muitos anúncios encontrados, o dono de Júlia não atribuiu à fuga dela a um possível sedutor, existe até uma fala de protesto contra um possível couteiro. Alguns senhores mencionavam o sedutor acreditando na inocência do escravo, o fato de não aparecer um sedutor no caso de Júlia, pode indicar que seu senhor não acreditava na sua inocência na hora da fuga, um exemplo de como cada senhor possuía sua concepção sobre os cativos. O caso do anúncio abaixo é ainda mais curioso.

Fugiu no dia quatro de outubro de 1857, da chácara a, S. da rua do M...ruhy, em São Cristovão no Rio de Janeiro um escravo do senador Alencar, de nome Luiz Telles, pardo escuro; tem de quarenta anos para cima mal encarado e falta dentes na frente tem uma enruga na testa, andar apressado e passadas curtas, finge-se às vezes doido, tem fala trêmula com risos de estupidadas, é muito ladino e astucioso, anda com cartas dizendo que vai com elas apadrinhado apresentar-se ao seu Sr.,.....quem o apreender e fizer dele entrega aonde possa ser acolhido a cadeia para ser entregue a seu SP, receberá 40. \$ de gratificação, além das despesas: será pago a quem nesta tipografia o apresentar com o competente documento.¹²

O senhor descreve o escravo com a qualidade de astucioso por ser tão esperto ao ponto de enganar as pessoas se fazendo de doido e mostrando cartas falsas de apadrinhamento, talvez essas cartas não sejam falsas, mas sim roubadas, tendo em vista que o anunciante pede que quem o encontrar também leve o documento, pode ser também que Luiz Telles tenha realmente adquirido essa carta prometendo ao padrinho que retornaria para o seu dono, mas preferiu permanecer evadido, uma outra curiosidade desse anúncio é o fato do escravo ter um sobrenome. De acordo com Ana Josefina:

Existe um sujeito religioso, evidenciado pelo nome, e um sujeito jurídico estabelecido pelo sobrenome. O escravo, no período estudado, era batizado na igreja e recebia um nome, simplesmente um nome de pia: José, Honório, Benedita. Nesse ato, ele era constituído como sujeito religioso e não como sujeito jurídico com sobrenome. A constituição do escravo como sujeito jurídico acontece só após a alforria ou após a libertação dos escravos em

1898 (sic).¹³

Diante disso surge um questionamento, José Telles era um escravo alforriado? Mas se José Telles era alforriado o que seu nome estava fazendo num anúncio de escravo fugido? Uma resposta que não temos como responder, no entanto podemos conjecturar e faremos isso através dos estudos de Martha Rebelatto, que verifica na província de Santa Catarina muitos indícios de alforrias condicionais. Segundo a autora “as condições impostas pelas cartas de alforria geralmente eram referentes à manutenção do trabalho escravo por mais alguns anos junto ao senhor, sua família ou alguém por ele designado.”¹⁴ Além disso, por meio dos estudos de Sidney Chalhoub verificamos que havia a possibilidade dos senhores revogar as alforrias.¹⁵ Pode ser que o senhor de Luiz Telles tenha revogado a sua alforria, fazendo com que ele retornasse a condição de cativo, e o escravo não aceitando o rompimento do acordo teria optado pela fuga, semelhantemente ao que encontramos na documentação e que será abordado mais abaixo. Por último, apresentamos o anúncio abaixo, o qual acreditamos se tratar de uma intimidação.

Fugiu no dia 19 do corrente a Manoel do Couto Teixeira, um escravo crioulo de nome Gregório, oficial de pedreiro cor preta, idade 17 anos estatura baixa reforçada, rosto redondo, olhos grandes: levou vestido calça, camisa, e jaqueta branca, e chapéu de palha ordinária da Bahia; roga-se a qualquer pessoa que o encontrar agarrá-lo e levá-lo a seu senhor na Rua do Porto dos Padres, que será bem gratificado; protesta-se contra quem tiver acoitado. Na mesma casa existe uma carta vinda do Rio de Janeiro, para o senhor Manoel José Pereira dos Santos.¹⁶

É bem possível que o conteúdo dessa carta esteja relacionado com algo que compromettesse a um dos senhores e, por isso, não se explicita o conteúdo da carta. Podemos supor também que era algo relacionado à fuga do escravo. O que de fato ele quis dizer nunca poderemos saber, por ora ficamos com a citação de Lilia Schwarcz:

O senhor buscava afirmar através dos anúncios, supremacia, propriedade e a dependência do escravo, mesmo quando a situação de fuga o desmentia (...). A eficácia desses anúncios atingem nova dimensão que é dada não pela criação de possibilidades de captura, mas antes pela difusão de representações, sensibilidades sociais e pelo estabelecimento e por uma rede de relações intersubjetivas.¹⁷

Percebemos na documentação referente às fugas vários indícios de que os escravos fugidos eram conhecidos. Havia anúncios que noticiavam apenas o nome do escravo, ou então que ofereciam dados como: “é conhecida por todos daquele lugar”, “muito conversado e conhecido na cidade

¹¹APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – quatorze de fevereiro de 1857.

¹²APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – dezessete de abril de 1858.

¹³FERRARI, Josefina Ana. *A Voz do Dono: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos*. 1 ed. São Paulo: Editora Pontes Editores, 2006. p.43.

¹⁴RABELATTO, Martha. O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. p.1-13. Acesso em: 23/10/2008.

¹⁵CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.137.

¹⁶APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA_ vinte e um de fevereiro de 1849.

¹⁷SCHWARZ, Moritz Lilia. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo*: Companhia das Letras, 1987. p.149.

de Vitória” “bem conhecido em razão de seu ofício” “é muito conhecido principalmente em Cariacica”. “Bem parecido com o seu pai” para saber que ele era parecido com o pai, as pessoas deveriam conhecer o pai dele; “pode ser que tenha mudado de nome” essa afirmação nos dá margem para acreditar que o escravo era conhecido pelo seu nome; “o dito escravo é bem conhecido nesta cidade e diversos lugares de seu município”, “é muito conhecido tanto nesta cidade como pelos senhores da roça.”

Porque fugir? A pergunta é sugestiva e complexa. Não podemos falar em uma única causa preponderante que fosse responsável pela evasão de escravos. Cada fuga representava uma motivação particular, podia ser individual ou coletiva, cada fugitivo possuía um quadro de expectativas que o levava a fuga.

Eduardo Silva e João J. Reis em seus estudos chegaram à conclusão que a escravidão foi pautada por uma relação de negociação e conflito. Sendo assim, “Quando a negociação falhava, ou nem chegava a realizar por intransigência senhorial escrava, abriam-se os caminhos da ruptura. A fuga era um deles. No Brasil assim como em outras partes, os escravos negociaram mais do que lutaram abertamente contra o sistema. O combate à autonomia e a indisciplina escrava, no trabalho e fora dele, se fez através de uma combinação da violência com a negociação, do chicote com a recompensa. Os escravos rompiam a dominação cotidiana por meio de pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal e autonomia cultural.”¹⁸

O anúncio abaixo é bastante elucidativo sobre essa “negociação” estabelecida entre senhores e escravos. O escravo Luiz desejoso de obter sua alforria, recebe a permissão do seu senhor para tentar arrumar a quantia necessária para sua liberdade, com um tempo pré estabelecido. Como o prazo acabou e Luiz não retornou, seu senhor o considerou fugido e optou por anunciar a fuga no jornal. Luiz pode ter aproveitado a “brecha” permitida pelo seu senhor, para que ele se ausentasse dos seus serviços para conseguir pecúlio ou ter pedido para ser acoutado por outro senhor, talvez um ex senhor. Assim, ele não estava questionando a sua condição de escravo, mas rejeitando seu dono. É bem plausível que isso tenha acontecido, já que o anunciante não possui dúvida em relação ao seu paradeiro, ao contrário, ele afirma onde o escravo está e ainda cita nomes. Percebemos também, que ao reclamar o escravo evadido, ele também comunica o problema do acoitamento e indiretamente cita o acobertador. Pode ser também que ele estivesse tentando, antes de recorrer à justiça, chamar a atenção dos acobertadores, através de um meio informal.

Gratifica-se – Raphael Pereira de Carvalho,

declara que, tendo o escravo Luiz, de cor preta, altura regular, cabelo carapinhado, rosto comprido, bons dentes, magro de 34 anos de idade, muito pernóstico, excedido o prazo que lhe fora concedido para apresentar-se ou dar a quantia marcada para sua liberdade, como pedira, considerava-o fugido, e assim protesta com todo o rigor da lei contra quem o tenha acoutado, prevenindo ainda que esse escravo, segundo consta, intitula-se forro, acha-se no município de Vianna no lugar da residência de alguns filhos do seu primitivo Senhor o finado Manoel Martins de Souza. Gratifica-se a quem o trouxer ao anunciante nesta Villa ou recolhe-lo à cadeia de Vianna. Linhares, nove de agosto de 1887. Raphael Pereira de Carvalho.¹⁹

De acordo com os estudos de Sidney Chalhoub “Os negros tinham sua própria concepção do que seria o cativo justo, ou pelo menos tolerável.”²⁰. Consoante Geraldo Soares:

a fuga mais do que a rejeição pura e simples da escravidão nos parece mais uma estratégia de negociações sobre as condições da própria escravidão. A fuga sempre estava associada à uma avaliação por parte do escravo de suas condições enquanto escravo e de suas expectativas em relação à liberdade. Mas não era apenas isso, uma vez que, tendo fugido, o escravo também avaliava a própria liberdade e as condições a ela associadas. Além do mais, escravidão e liberdade não eram tidos pelos escravos como valores absolutos e a fuga não se constituía na linha divisória entre um mundo de desespero e o mundo dos sonhos.²¹

Houve escravos que aproveitaram a morte do senhor para fugir, outros fugiam para evitar castigos e intolerâncias, outros que fugiam para se esconder de algum crime ou até mesmo para procurarem um padrinho que os ajudasse numa disputa com o seu senhor, vendas ou transferências inaceitáveis, outros porque não resistiam ao caráter sedutor da fuga, como afirma Suely Robles “As fugas eram um meio atraente de escapar da escravidão: geralmente individuais, não exigiam nenhum plano coordenado e ofereciam uma perspectiva sedutora, o da liberdade imediata.”²² De acordo com Sílvia Lara, “existiram escravos que tinham a fama de serem fujões, que desapareciam com frequência, mas sempre retornavam apadrinhados ou apreendidos.”²³ Como afirma Goulart “Em certos escravos a tentação da fuga era irresistível, por melhor tratamento que lhes proporcionassem, sempre que tinham uma oportunidade metiam o pé no mundo.”²⁴

Também foi muito comum às fugas com intuito de reencontrar pessoas da família, separadas pelo tráfico, sobretudo pós 1850 quando intensifica-se o tráfico interprovincial devido a Lei Eusébio de

¹⁸REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁹APEES – Série Jornais – O Espírito Santense, vinte e sete de agosto de 1887.

²⁰CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.27.

²¹SOARES, Geraldo Antonio. Quando os escravos fugiam: Províncias do Espírito Santo, última década da escravidão. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS.v.XXIX, n.1, p. .70. 2003.

²²QUEIROZ, Suely R. Reis de. *Escravidão negra no Brasil*. São Paulo : Ática, 1987.

²³LARA, Sílvia Hunold. *Campes da violência: Escravos e Senhores na Capitania do Rio de Janeiro 1750 – 1808*. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1988. p.238.

²⁴GOULART, José Alípio. *Da fuga ao suicídio: Aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro : Conquista, 1972.p.28

²⁵De acordo com Emilia Viotti da Costa, a partir da Lei Eusébio de Queiroz foi considerada pirataria a importação de escravos, e como tal, deveria ser punida. As embarcações envolvidas no comércio ilícito seriam vendidas com toda carga encontrada a bordo, sendo seu produto entregue aos apressados deduzindo um quarto para o denunciante.

Queiroz.²⁵ Situação verificada por João José Reis e Eduardo Silva: Muitas fugas tinham por objetivo refazer laços afetivos rompidos pela venda de pais, filhos e esposas. Sujeitos a sorte de transação comercial, a mudança de senhor era, como podemos imaginar um dos momentos mais dramáticos na vida de um escravo, quando tudo precisava ser renegociado, às vezes, sob condições muito difíceis.²⁶

Nos anúncios pesquisados, nos deparamos com alguns senhores que tinham uma noção do paradeiro do fugitivo, era comum os escravos fugirem por sentirem o desejo de ficar próximo aos seus familiares, a exemplo dos anúncios abaixo:

Fugiu no dia 2 do corrente mês, a Manoel da Silva Simões um seu escravo de nome Bernadino, cabra com 40 anos de idade, pintando o cabelo de branco, levou vestido calça de casimira usada, camisa de chita riscada e chapéu de pelo branco: desconfia-se que seguiu-se em direção para o norte, por ter convidado a outro para fugirem **dizendo ter em aldeia velha do norte parentes, aonde podiam ser acoitados:** o negro tem bom expediente, fino talvez se queira intitular liberto, quem o apreender, ou dele der notícia certa, ao anunciante será gratificado, assim como se protesta contra qualquer pessoa que o tenha acoitado.”²⁷ (Grifos nossos)

Fugiu no dia 18 do corrente, a José Francisco Pinto Ribeiro, a sua escrava de nome Isidora, de 40 anos de idade estatura baixa, cor fula, olhos vesgos, pés pequenos. **Desconfia-se que esteja nas imediações da fazenda-Jucuruaba onde tem filhos.** Quem por tanto dela tiver notícia e participar, ou apreende-la será gratificado. E, com todo o rigor da lei, protesta-se contra quem a acoitar. Victória 24 de janeiro de 1871, José Francisco Pinto Ribeiro.”²⁸ (Grifos nossos)

A relação de dominação estabelecida entre senhor – escravo era tão clara para alguns escravos, que quando havia troca ou venda de cativos, muitos não reconheciam os novos senhores, e recorriam as fugas para voltarem para aqueles que reconheciam como tal. Geraldo Soares, pesquisando fugas de cativos na Província do Espírito Santo se depara com essa situação, um escravo que provavelmente não reconhecia seu novo senhor. O escravo era um praça de policia chamado Quintiliano que teve que ser interrogado, tendo em vista que Manoel José de Calvas Barcellos apresentou queixa reclamando-o como seu escravo. Questionado sobre essa queixa o suspeito respondeu já no início de seu depoimento que “o senhor que teve” foi o finado capitão Luiz Manoel de tal. E que era o único senhor que ele reconhecia como seu senhor, o legítimo com o qual fora criado. Quintiliano disse que fugiu porque era maltratado. Mas a razão maior de sua fuga, que transparece em seu depoimento, é que ele não reconhecia seus novos senhores como tais.²⁹ O

depoimento de Quintiliano também poderia ser uma estratégia para justificar a sua fuga perante a justiça.

Assim como Quintiliano muitos outros tiveram essa mesma postura, em muitos anúncios pesquisados encontramos senhores que colocavam o nome do antigo dono, ao que tudo indica não deveria ser incomum um escravo evadir em busca do ex dono, e o motivo talvez seja o mesmo do escravo Quintiliano, o não reconhecimento do novo senhor.

Fugiram da vila de Itapemirim e passarão para o norte do rio do mesmo nome, tomando a direção desta cidade, dois escravos, pertencentes ao Exm. Sr, Barão de Itapemirim, a saber: Inocêncio, estatura regular, rosto comprido, cor fula, nariz afilado, indica ter estado doente, tem pé esquerdo algum tanto inchado de erisipela que teve há pouco tempo, **foi escravo de Desidério Pinto Rangel do Mamoeiro** – Estulano pardo, alto, reforçado, rosto redondo, olho espantado, tem falta de dentes na frente. Da-se 100 \$ rs de gratificação a quem os apreender, podendo ser apresentados nesta cidade a José Marcellino Pereira Vasconcellos ou em Guarapari ao alferes Pedro João de Souza.³⁰ (Grifos nossos)

120\$000 réis de gratificação

Fugiu no dia 11 de outubro de 1854, a Monteiro José Furtado de Mendonça, morador do lugar denominado Caju, município da vila de Maricá, um escravo de nome Theodoro, crioulo, idade de 36 anos pouco mais ou menos, estatura baixa, cor fula, barba cerrada, fala com muito desembaraço, e é muito prosa. **Foi esse escravo comprado em Saguarema a D.Mathildes Alves Fontes, e por essa razão crê se que ele anda por esse município, onde tem muitos conhecidos, ou pelo de Macahé onde trabalhou em algum tempo em casa de senhor Misael, ainda quando escravo da dita _ D. Mathildes:** Dar-se há pois a gratificação neste prometida, a quem o apreender e levar ao seu dono no lugar acima indicado; ou a Joaquim Luiz Sayão no Porto do Caxias. E protestando-se haver de quem o acoitar todos os dias de serviço que se tem perdido, contando-se daquele em que saio de casa, até o da sua aparição.³¹ (Grifos nossos).

Pode ser que a fuga nem estava relacionada à procura do ex dono, mas sim de antigos laços de amizade desfeitos pela venda do escravo. Assim, o dono de Theodoro suspeitava que ele estivesse escondido em seu antigo município aonde possuía muitos amigos, ou ainda em Macahé, lugar onde trabalhou para o senhor Misael, ainda quando escravo de D. Mathildes.

Outro exemplo que desacredita os esquemas rígidos de análise da escravidão pode ser vislumbrado através dos estudos de João José Reis sobre o

²⁵REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989. p.66

²⁷APEES – Série Jornais - CORREIO DA VICTORIA – dezoito de março de 1857.

²⁸APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – vinte e cinco de janeiro de 1871.

²⁹SOARES, Geraldo Antonio. Quando os escravos fugiam: Províncias do Espírito Santo, última décadas da escravidão. *Estudos Ibero-Americana-nos*. PUCRS.v.XXIX, n.1, p .59. 2003.

³⁰APEES – Série Jornais - CORREIO DA VICTORIA –dois de abril de 1859.

³¹APEES – Série Jornais - CORREIO DA VICTORIA – vinte e cinco de março de 1854.

Quilombo do Oitizeiro. Neste Quilombo a reivindicação não era pelo fim da escravidão, mas sim pela troca de senhor. O Oitizeiro ficou reconhecido como um acatamento generalizado, isso por que os coiteiros utilizavam de seus contatos nas senzalas da região para seduzir, como se dizia na época, outros escravos à fuga. Lá eles tinham direito a comida, proteção e provavelmente um pedaço de terra em troca de seu trabalho. Ou seja, os escravos que se refugiaram no Oitizeiro não estavam fugindo da escravidão. Eles tinham sua visão tanto da escravidão como da liberdade. Neste caso, a liberdade de escolher a escravidão. A situação de fugitivo não lhes parecia ideal e, nesse sentido, a passagem pelo Oitizeiro representava apenas parte da aventura, um ponto de espera, a esperança de fazer contatos que viessem a resolver seu problema de senhor.³²

Os próprios senhores tinham uma concepção dos motivos que levavam à fuga, nos anúncios abaixo o senhor relata não saber a razão pela fuga do seu escravo. Ou seja, de acordo com um “padrão moral” estabelecidos entre senhores e escravos era compreensível certos atos. Por exemplo, ir ao encontro de um familiar, ser “seduzido”, negar se ao trabalho etc.

50U000- Com esta quantia gratifica-se á pessoa que capturar o escravo Luiz, de propriedade do abaixo assinado, e que houve por compra feita a Sebastião Vieira dos Passos. Os sinais são os seguintes: cor fula, 20 anos de idade, pouco mais ou menos, imberbe quase, pois tem pouca barba em baixo do queixo, um pouco dentuço, rosto comprido, pés grandes e quase sem unhas nos dedos, delgado de corpo, altura regular e cabelos carapinhos. Já veio à casa apadrinhado e no mesmo dia sem razão alguma, fugiu novamente. Desconfia-se que anda para os lados do Porto das Pedras e Tambatahy. Quem o capturar e levar ao seu senhor será gratificado com a quantia acima, protestando-se contra quem o acatou. José Rodrigues de Freitas.³³

No dia 11 do corrente evadiu-se sem motivo algum o escravo Firmino de propriedade de D. Maria Leopoldina Ribeiro. Gratifica-se a quem o trouxer, servindo-lhe mesmo de padrinho e entregá-lo nesta cidade ao Sr José da Silva Cabral na rua do Comércio, nº23. Victoria 28 de novembro de 1883.³⁴

Nossos anúncios revelam que as mulheres com filhos ou casadas tinham uma propensão menor a fuga, tendo em vista que havia laços afetivos que as prendiam ao local, talvez esse seja um dos motivos pelos quais os senhores capixabas não ofereceram resistência a formação da família escrava³⁵, lembrando que criar laços afetivos era positivo e negativo para o senhor. Uma escrava com filhos geralmente era mais cautelosa na hora da fuga, por outro

lado, separar escravos que possuíam laços afetivos ou de parentesco também poderia ocasionar em prejuízo, já que muitos fugiam em busca dos “laços” desfeitos. Não encontramos nos anúncios informações de escravas com filhos que fugiram sozinhas. Mas, encontramos um caso de fuga de um escravo casado, que pareceu ser algo incomum, tendo em vista que o anunciante fez questão de enfatizar sua relação marital. É bem possível, que o índice de fugas de cativos com laços de parentescos estabelecidos fossem menor, a não ser que esses laços fossem cortados por ocasião de vendas ou qualquer outro motivo. Havia também senhores que quando desejavam vender escravas que tinham filhos geralmente ofereciam a “cria” junto.

Protesta-se com todo rigor das leis contra quem tiver dado, e der couro a escrava do abaixo assinado fugido de seu poder na freguesia do Queimado, desde sete de fevereiro do corrente ano: e gratifica-se conforme trabalho de captura a quem a prender, e levar ao dito seu senhor ali, ou metê-la nas cadeias da capital. Essa escrava chama-se Roza, é parda, magra, baixa, anda sempre de vestido porque foi criada no mimo, tem cabelo de pico, um tanto estirado hoje a força de pentes, cose de grosso, e é boa rendeira, **levou uma filha de sua cor, que terá pouco mais de um ano de idade.** ³⁶ (Grifos nossos)

Fugiu ao abaixo assinado no dia dois do corrente, um escravo de nome Manoel, mulato, **casado**, idade de mais ou menos trinta anos, pés inchados de erisipela, quem o prender será gratificado com a quantia de 50 \$ 000 livre de despesas; assim como protesta quem o tiver acatado, com todo o rigor da lei. (Grifos nossos)

O que nos dizem os anúncios comerciais?

Ao ter contato com os anúncios que envolviam o comércio de cativos (compra, venda, aluguel) o leitor contemporâneo não teria muitas dificuldades de se familiarizar com o tipo de linguagem presente nessas fontes, *grosso modo* esses anúncios nos oferecem informações semelhantes aos nossos anúncios contemporâneos nos jornais, onde buscamos através dos jornais manifestar nossos desejos comerciais de compra, venda e troca.

A alteridade poderia surgir quando identificamos o tipo de comércio encontrado nestas fontes: comércio de pessoas, seres humanos. Nesse sentido, pensar em comércio de pessoas, é, sim, uma estranheza para nós homens do século XXI. Dessa forma, muitos podem supor pela semelhança da linguagem com nossos anúncios atuais que os escravos eram vistos como mercadorias. E se o escravo era tratado apenas com fins mercantis, um leitor contemporâneo, ao ter contato com esse tipo de fonte, poderia concluir que os nossos anúncios descrevem um escravo-coisa. São dois os motivos que nos levariam a pensar dessa

³²REIS, João José; Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro – Bahia, 1806. In: Reis, João José ; GOMES, Flávio S. (orgs). *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.358

³³APEES – Série Jornais – O ESPIRITO SANTENSE_ vinte e três de Dezembro de 1884.

³⁴APEES – Série Jornais – O ESPIRITO SANTENSE_ seis de Dezembro de 1883.

³⁵De acordo com os estudos de os estudos de Patrícia M. da Silva Merlo, sobre a família escrava em Vitória, apesar de ainda não estar situado dentro da lógica agroexportadora da economia brasileira do século XIX, identificou-se a existência de famílias escravas, não apenas nas plantations, mas também nas pequenas escravarias e diversos grupos de escravos especializados. E mais, que a família escrava era até desejada pelos senhores. Patrícia Merlo, em contato com sua documentação verifica que na Vitória do dezenove existiu arranjos familiares sólidos, reconhecidos legalmente e expressivos numericamente. Sendo interessante destacar a baixa presença de africanos na composição de suas escravarias, fato que permite a autora concluir que os cativos de Vitória em sua maioria são nascidos no Brasil e que houve uma paulatina renovação de mão de obra via natalidade. Dessa forma podemos supor que o Espírito Santo não tenha oferecido resistência a família escrava. MERLO, Patrícia M. Silva da. Estudo sobre a família escrava em Vitória/ ES, 1800-1830. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/xxii-simposio/anais/textos/PATRICIA%20MARIA%20DA%20SILVA%20MERLO.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2008.

³⁶APEES – Série Jornais - CORREIO DA VICTORIA – dez de junho de 1857.

forma: primeiro se tratássemos os anúncios apenas como uma descrição objetiva por parte dos anunciantes e não buscássemos empreender nas entrelinhas as pistas deixadas por essas fontes; e segundo se tentássemos entender o sistema escravista através de nossos olhares contemporâneos.

No entanto, concordamos com as assertivas de Geraldo Soares, quando diz: “A realidade da escravidão era mais complexa do que ela nos apresenta a primeira vista, e a última coisa que devemos fazer é nos enveredarmos por qualquer espécie de julgamento moral sobre as situações vividas pelos nossos personagens históricos”.³⁷ Além disso:

Os senhores de escravos, como os próprios escravos, eram dotados de traços de personalidade complexos, como o são os nossos, e que não podem ser reduzidos simplesmente a uma bondade ou maldade inerentes. Além disso, nunca é demais lembrar que a escravidão não era moralmente condenada nas décadas de 1870 e 1880 da mesma forma que o é por nós, hoje.³⁸

Muitos anúncios de venda nos indicam que além do conflito a negociação entre senhores e escravos era sempre presente, mesmo quando se tratava de uma atividade comercial. Inicialmente tínhamos em mente que era levado em conta numa transação comercial de escravos apenas os desejos dos seus respectivos donos; diante desse quadro, o contato com os anúncios de venda nos permitiu ver que em muitos casos a venda, o aluguel ou a troca ocorria por desejos dos cativos. *A priori*, pode parecer uma afirmação estranha se pensarmos que nessa sociedade altamente hierarquizada, aqueles que estavam na posição inferior da hierarquia tivessem oportunidade de escolher sobre seu futuro. Vejamos os casos abaixo, em que o motivo da venda se dá porque a escrava não quer mais continuar onde está:

Vende-se uma escrava de idade de 27 a 28 anos, boa lavadeira, engomadeira, cozinheira do trivial de uma casa, quem a mesma pretender se dirija-se ao abaixo assinado; vende-se por não querer estar na roça. Francisco Euterpe Alfavaca³⁹

Vende-se uma escrava crioula de 18 anos de idade, o motivo da venda é ela não querer servir na casa que está; para mais informações nesta tipografia.⁴⁰

Não se nega aqui o fato de que existiram alguns anúncios que foram estritamente comerciais, deixando-nos uma imagem de negro-mercadoria, como é o caso do anúncio abaixo em que o senhor aproveita para oferecer todas as mercadorias de uma vez:

Vende-se uma escrava de nação, 30 anos de idade, mais ou menos, sem vícios, sadia própria para a roça; quem a pretender dirija-se á casa de João Pinto Gomes Rezendo, Rua Formosa; na

mesma casa vende-se livros em branco, folhetos, lagrimas e sorrisos, manual maçônico, colchões para camas, e marquesas, baús de folha envernizados, de todo o tamanho, terno de pesos de chumbo, balanças, vidros para vidraças e tudo quanto é obra de funileiro e latociro; e encadernam-se livros; botão de vidros, e pinta-se caixinhas; tudo por cômodo preço.⁴¹

Mas, na maioria dos anúncios encontramos uma descrição elogiosa, ou que apontam virtudes, por parte dos senhores aos seus escravos, e isso não se restringe aos anúncios comerciais; até mesmo os anúncios de fuga são carregados de elogios, como: “muito fiel”, “bom lavrador”, “perfeita cozinheira”, “bonita figura”, “forte”, “bem feito de corpo”, “muito habilidoso”, “fisionomia ellegante e bem moralizada”, “é vistoso”, “bem conversado”, “muito finada de corpo” “muito poeta” “figura agradável”, “boa índole”, “carinhosa”, “humilde”, “esperto”, “pernóstico”. É evidente que também surjam muitos adjetivos negativos como: “arrogante”, “idiotismo”, “mau encarado”, “potroso”. Além das qualificações os anúncios prescrevem características como: nome, idade, cor, sexo, profissão, estatura e características físicas, o que nos permite traçar um perfil dos escravos que fugiam e dos que eram comercializados. Nos anúncios de “precisa-se alugar” ou “comprar um cativo”, percebemos o perfil que se esperava de um cativo, assim como nos anúncios de venda percebemos a motivação da venda e também do escravo que era vendido.

As publicações de venda possuem descrições mais sucintas do que os anúncios de fuga. Os cativos superaram em número os anúncios de escravas. Geralmente, quando havia a idade nesses anúncios, era superior a trinta anos. Contudo, era mais comum ocultar a idade. O preço pretendido pelo vendedor nunca era exposto no jornal, e havia ainda uma preocupação em deixar claro que a compra do cativo não desagradaria ao comprador. Além disso, alguns senhores buscavam alertar em seus anúncios de que a venda não era por motivo de defeitos, a exemplo do anúncio abaixo que avisa de antemão que o motivo da venda é por necessidades financeiras.

VENDE-SE um escravo angola, 18 anos de idade, trabalha de roça sem defeito e nem moléstia, o motivo é por precisar do dinheiro. Quem pretender dirija-se ao Porto dos padres a Bernardo Luiz Ribeiro Bastos.⁴²

Os indícios apontam que a venda ocorria ora por questões financeiras, por necessidade de redução de gastos, ora por questões de inabilidade do cativo para o serviço, ora pela idade avançada, físico esgotado ou doenças. Ou até mesmo porque os mesmos já não atendiam às necessidades de seu dono, às vezes até de forma proposital. Os anún-

³⁷SOARES, Geraldo Antonio. Esperanças e desventuras de escravos e libertos em Vitória e seus arredores ao final do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 26, n.º 52, 2006, p.116.

³⁸SOARES, Geraldo Antonio. Esperanças e desventuras de escravos e libertos em Vitória e seus arredores ao final do século XIX, p.122.

³⁹APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – primeiro de dezembro de 1849.

⁴⁰APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – vinte e oito de abril de 1858.

⁴¹APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA – sete de fevereiro de 1849.

⁴²APEES – Série Jornais – CORREIO DA VICTORIA- três de outubro de 1849.

cios de venda procuravam ressaltar as qualidades do escravo, ou seja, procurava-se enfatizar as qualidades do escravo para que este se tornasse atraente ao comprador. Por isso eles eram noticiados como sadios, com bons costumes, sem vícios, alegres dentre outros adjetivos. Os anúncios de “precisa-se” aparecem com pouca frequência. Em geral, especificavam o sexo, as habilidades que esperavam encontrar, a idade e o local onde as informações sobre o escravo deveriam ser obtidas. Havia uma preferência por escravos jovens, possivelmente mais ágeis para o serviço. A procura era maior por mulheres para trabalharem no serviço doméstico e como amas de leite. Por isso, percebemos que havia uma preferência por cativas para ocupar os serviços domésticos, procurou-se também por pajens com a exigência de que esses fossem bonitas figuras.

Conclusão

Tanto os escravos como os senhores tinham sua concepção em relação ao regime escravista. Os anúncios demonstram um senhor prejudicado pela fuga, cujo culpado poderia ser tanto o escravo como um sedutor. Era a esse sedutor que os anúncios também se dirigiam e não apenas as pessoas ligadas com a captura. Nesse sentido, os anúncios de alguma maneira estavam associados a uma idéia constante veiculada nos jornais o direito da propriedade, muitas vezes violado por esses acobertadores.

As descrições minuciosas dos anúncios de fuga foram muito importantes para esse trabalho. Por meio deles, percebemos que mesmo se sentindo lesado pela fuga o senhor não omitia ou buscava desqualificar o cativo, anunciava suas qualidades e seus defeitos. Inclusive buscavam enfatizar nos anúncios de fuga, a esperteza desses escravos, já que se tratando de um escravo “astuto” seria necessário atenção na captura, uma vez que ele poderia se utilizar de artimanhas para permanecer fugido. Os anúncios de venda de escravos também foram importantes nesse trabalho, já que ao relatar as características que esperavam encontrar nos cativos, nos possibilitou perceber o que eles esperavam de um escravo, ou seja, as características que desejavam encontrar.